

AS ASAS DO IVO

31 de Maio 2018

Esta história foi dinamizada no âmbito do Festival “Livros à Rua 2018”, promovido na bela cidade de Évora pela associação cultural É Neste País, à qual expressamos a nossa amizade e gratidão.

Os inspirados autores desta saborosa narrativa:

Ana, António, Carolina, Catarina, Gianni, Guilherme, Joana, José, Lara, Lénia, Mafalda, Maria Clara, Matilde, Naomi, Rute, Susana, Tiago



Era uma vez um homem que queria muito voar, e a maior ambição dele era chegar às estrelas. O homem chamava-se Ivo e morava num castelo.

O Ivo gostava de dar um passeio todos os dias à mesma hora. Num desses passeios, houve um dia em que encontrou uma borboleta que não conseguia voar. O Ivo gostava muito de animais, por isso levou a borboleta com ele.

Ao chegar ao castelo foi buscar as suas lentes binoculares para ver as asas da borboleta ampliadas e percebeu que a borboleta não voava porque tinha uma asa ferida.

No castelo havia mais animais, todos apanhados na rua como a borboleta. O Ivo decidiu então pedir-lhes que o ajudassem a curar a asa da borboleta.

Foi ter com o cão Rex, que lhe disse:

— Se me levares à rua, eu dou-te um pauzinho que a vai curar.

— Não me parece boa ideia — respondeu o Ivo. — O pauzinho pode magoar as asas frágeis da borboleta.

Foi em seguida ter com o peixe Peixinho, que lhe disse:

— Se me lewares ao mar, eu dou-te uma alga que a vai curar.

— Não me parece boa ideia — disse o Ivo. — A alga é molhada e pode desfazer as asas frágeis da borboleta.

Depois, foi ter com o gato Bigodes, que lhe disse:

— Se me lewares ao telhado, dou-te uma folha de árvore que a vai curar.

— Não me parece boa ideia — disse o Ivo. — A folha seca, parte-se e vai acabar por magoar as asas frágeis da borboleta.

Por fim, foi ter com o porco Ronco, que lhe disse:

— Se tu me lewares à quinta, eu dou-te uma lama que a vai curar.

— Não me parece boa ideia — disse o Ivo. — A lama vai sujar as asas frágeis da borboleta.

Desanimado com as soluções apresentadas pelos animais do seu castelo, o Ivo foi dar mais um passeio pelo campo, para reflectir. E enquanto caminhava ia repetindo indeciso: *pau, alga, folha, lama... pau, alga, folha, lama...* E nisto ouviu um som de uma árvore ali perto, e ao olhar avistou um pássaro que nunca antes vira e que cantava a mais bela melodia que algum dia escutara.

— Que bem que cantas! Quem és tu?

— Eu sou o pássaro Perlimpimpim — respondeu-lhe o pássaro enquanto cantava.

O Ivo estava maravilhado, e apressou-se a convidar:

— Queres ir viver para o meu castelo? Terás lá muitos amigos...

— Não quero, não. Vou ficar aqui a chocar os meus ovos mágicos, que estão quase, quase a eclodir — respondeu o Perlimpimpim.

— Ovos mágicos... — repetiu o Ivo, ainda mais maravilhado do que já estava. — Se calhar tu conseguirias ajudar-me curar a minha borboleta, que tem a asa ferida e por isso não consegue voar.

O pássaro Perlimpimpim, que não tinha papas na língua, respondeu-lhe de imediato:

— A borboleta não é tua, nem nenhum dos animais que guardas no teu castelo.

O Ivo passou de maravilhado a ofendido. E o Perlimpimpim rematou assim a conversa:

— Olha, eu ajudo-te com a asa da borboleta, mas com uma condição: tens de libertar todos os animais que tens presos no teu castelo.

O Ivo não queria acreditar no que estava a ouvir:

— Mas o Rex, o Peixinho, Bigodes e o Ronco são todos os amigos que tenho. Se os soltar fico sozinho.

E o Perlimpimpim voltou à carga, sem dó nem piedade:

— Os amigos verdadeiros são os que nos oferecem livremente a sua amizade. Ficarás sozinho, sim. Mas se tu os libertares, ofereço-te um dos meus ovos mágicos, de onde nascerá uma fada que curará a borboleta, que assim poderá voltar a voar na natureza. E olha que só tens até ao pôr-do-sol para os libertares.

Ouvindo isto, o Ivo decidiu logo regressar ao castelo. Quando lá chegou, apressou-se a abrir as portas aos seus amigos Rex, Peixinho, Bigodes e Ronco, que desapareceram nos campos, sem olhar para trás. E o Ivo teve de reconhecer que o Perlímpimpim tinha razão e que sabia mais de amizade do que ele. Mas não se ficou a lamentar por muito tempo e meteu pernas ao caminho, para conseguir chegar ao ninho do Perlímpimpim antes de se pôr o sol.

Quando chegou à árvore do encontro, constatou que o Perlímpimpim já não se encontrava lá e receou ter caído no famoso conto do vigário emplumado. Mas, arrebitando a orelha, um som discreto de algo a fender-se devolveu-lhe a confiança nas aves canoras. O Perlímpimpim partira, mas cumprira a sua promessa: dentro do ninho, um ovo mágico brilhava e mostrava já uma grande rachadela ao alto. Feliz como nunca, o Ivo apressou-se a voltar ao castelo, com o ovo mágico a servir-lhe de candeia.

Chegou no momento exacto em que a cabecita de uma fada emergia do ovo.

— Olá! Quem és tu? — perguntou a fada, que nasceu logo a saber falar.

— So-so-sou o Ivo — gaguejou o Ivo, encantado com o que via. — E tu, como te chamas? — lembrou-se também de perguntar.

— Hummm, eu sou a fada... a fada Mágica! — disse a fada depois de uma ligeira hesitação. — E porque és a primeira criatura que contemplo, concedo-te um desejo. Mas olha que é só um... Pensa bem!

O Ivo pensou, pensou... Podia pedir para ter amigos verdadeiros no castelo, que ficariam com ele para sempre... Ou podia pedir para curar a asa danificada da pobre borboleta, que certamente voaria para longe mal ficasse curada, e ele ficaria definitivamente sozinho no seu castelo enorme e inútil...

— Despacha-te! — disse a fada Mágica já impaciente. — As fadas têm muito que fazer!

Então o Ivo pediu:

— Por favor, ajuda-me a curar a asa da borboleta.

E num piscar de olho de fada, a borboleta pôs-se boa. E não só ficou boa, como começou a crescer e a crescer... e só parou de crescer quando o Ivo esfregou os olhos para confirmar que a borboleta tinha ficado maior do que ele.

Então, a borboleta sacudiu as suas majestosas asas e saltou para o parapeito da janela.

Pronto, é agora que fico sozinho para sempre, pensou o Ivo. Mas reflectindo melhor, concluiu apaziguado: A verdade é que agora os meus amigos já não são prisioneiros no meu castelo: vivem em liberdade no meu coração!

Porém, por estranho que pareça, a borboleta não levantou voo. Rodou as antenas na direcção do Ivo e desafiou-o:

— Anda, sobre para as minhas costas. Vais finalmente voar!...

No regresso da viagem, o Ivo foi recebido por um coro de aplausos. Ele nem queria acreditar: eram os seus amigos Rex, Peixinho, Bigodes e Ronco, que, depois de ficarem em liberdade, tinham decidido fazer-lhe uma visita.

O Ivo nunca voou até às estrelas em nenhum dos seus passeios nas asas da borboleta – que, a propósito, se chama Passarola —, mas sobe muitas vezes às copas das árvores, ao cimo das montanhas, e às vezes vai mesmo até às nuvens.

Desde que descobriu a Liberdade, é muito raro sentir-se sozinho.

FIM

Desfecho alternativo, para quem não gostar de finais felizes:

Quando a borboleta se viu de asa recuperada, saltou, alegre e confiante, para o parapeito da janela... mas, de repente, o pássaro Perlímpimpim atravessou os ares e *zup!*, engoliu a borboleta tão depressa que ela nem teve tempo de esticar as asas...

E, acto contínuo, saltou do telhado o matreiro Bigodes (que já antes se tinha deliciado com o Peixinho) e abocanhou sem dó nem piedade o Perlímpimpim...

Eis senão quando, salta detrás de uma árvore o Rex de dente afiado, e foi o último miado que por ali se ouviu...

Deu-se então a derradeira desgraça: o Ronco, que já andava farto das gabarolices do Rex, fez o que não me atrevo a contar. E depois disto, correu para o Ivo, roçando-se gentilmente nas suas pernas, qual companheiro fiel.

E o Ivo exclamou radiante:

— Parece que fiz um amigo!

FIM